

ARTE PRÉ-HISTÓRICA NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL E SUA INSERÇÃO NO GRANDE TERRITÓRIO RUPESTRE AO SUL DO CONTINENTE

Neemias Santos da Rosa¹, Silvana Zuse², Lucio Lemes³, Saul Eduardo S. Milderⁿ

¹Universidade Federal de Santa Maria, LEPA/UFSM, neemias_of@hotmail.com

Resumo- Por volta de 30 mil anos atrás, a capacidade de produzir arte era um atributo universal da mente humana moderna. O presente artigo aborda os gestos e instrumentos que picotavam e raspavam as lages dos abrigos e grutas de um território, hoje conhecido como estado do Rio Grande do Sul, por indígenas que habitaram a região. São signos e símbolos que marcam e comunicam. Nesse sentido, apresenta um panorama das representações rupestres de dois sítios arqueológicos da Região Central do Rio Grande do Sul-Brasil, o RS-SM7-Abrigo da Pedra Grande e o RS-MJ15-Gruta do Canhemborá, relacionados aos demais sítios rupestres da região e do estado, e ao contexto Uruguaio e Argentino. A partir disso, pretende-se refletir sobre a recorrência dos grafismos, baseados nas escolhas técnicas, circunscritos na tradição dos grupos que os realizaram, e a respeito da existência de um território rupestre, possuidor de um importantíssimo arcabouço cultural, abrangendo uma grande região ao sul do continente sul americano.

Palavras-chave: Arte Rupestre, Pré-História.

Área do Conhecimento: Arqueologia

Introdução

O Abrigo da Pedra Grande e a Gruta do Canhemborá são sítios rupestres representativos no contexto Rio-grandense. Localizam-se nos municípios de São Pedro do Sul e Nova Palma, respectivamente, na região central do estado, conforme evidenciado na figura 1.



Figura 1: Mapa do Rio Grande do Sul com a localização da área trabalhada.

Os sítios estão situados na escarpa do planalto, região cortada por rios como o Jacuí e o Toropi e seus afluentes, que escavaram a escarpa da Serra Geral, originando vales que se abrem para a Depressão Central.

A Depressão Central divide o estado ao meio, liga a planície costeira e o interior e assinala a transição entre a zona serrana ao norte, e as planícies e coxilhas ao sul. A vegetação silvática cobre essa região, com a chamada floresta de escarpa. A estrutura geológica constitui-se de

rochas Pré-Cambrianas, de arenitos da formação Botucatu recobertos por derramamentos de lavas basálticas da Serra Geral. A altitude máxima chega a 400m e a maioria dos sítios com gravuras rupestres do estado está relacionada a essa paisagem.

O sítio Pedra Grande encontra-se em um vale drenado por um afluente do arroio Ribeirão e do Rio Toropi, na sub-bacia do Ibicuí, que se dirige ao Rio Uruguai. O bloco de arenito forma um abrigo largo e pouco profundo. Os petroglifos se concentram na zona central do abrigo, onde este apresenta maior profundidade e onde se forma um painel de 24 m de comprimento por mais de 2 m de altura. Dois outros conjuntos menores se encontram nas duas extremidades onde não há mais nenhuma proteção natural.

Nas representações rupestres encontradas no Abrigo da Pedra Grande são observadas três técnicas distintas de gravação: picoteamento e raspagem, polimento, broqueamento do suporte rochoso (realizado, supõe-se, através da utilização de uma ferramenta rotativa).

Embora as pinturas sobre rocha propriamente ditas não sejam manifestações tradicionais da região sul, ao contrário do que acontece no centro e norte do país, pode-se encontrar, em alguns sulcos e depressões gravados, resíduos de pigmentação de cor preta. Uma das hipóteses levantadas para explicar a aplicação dessa “pintura” nas gravações seria através da fricção contra a rocha de um fragmento mineral brando.

Dois conjuntos de petroglifos encontram-se nas extremidades do painel, local que oferece uma menor proteção do abrigo. Devido a este fato,

estas representações ficam muito mais expostas aos efeitos das intempéries, sendo lavadas pela chuva que, conseqüentemente, retira aos poucos a frágil camada dessa pigmentação.

Em relação aos motivos, a grande maioria dos grafismos classifica-se como Abstrato, sendo uma pequena parte considerada como Representativos Esquemáticos Biomorfos, assim como nos demais sítios localizados na depressão central do Rio Grande do Sul, conforme BROCHADO & SCHMITZ (1976).

Pesquisas realizadas anteriormente buscaram criar uma cronologia para a gravação dos motivos em questão, a partir da observação de uma grande ocorrência de sobreposições dos motivos, seja por uma simples escolha técnica ou por ter sido o motivo original danificado de alguma maneira.

Os motivos gravados do Abrigo da Pedra Grande podem ser visualizados na figura 2.



Figura 2: foto dos motivos do Abrigo da Pedra Grande. Acervo: LEPA.

As representações rupestres da Gruta do Canhemborá foram realizadas por meio de duas técnicas diferenciadas de gravação. A primeira destas técnicas constitui-se no picoteamento e raspagem. O picoteamento teria sido executado provavelmente com uma ferramenta aguda, objetivando a criação de depressões contínuas e alinhadas, as quais foram reunidas através da raspagem, formando assim os sulcos observados. A outra técnica de gravação presente nestes petroglifos é a classificada como polimento, que se caracteriza por secções e V, obtusas e com bordas bem definidas.

No que diz respeito à presença de pigmentos, é possível encontrar no interior dos sulcos resíduos de coloração preta, com maior freqüência, assim como vestígios de cor verde, branca e marrom. Já os motivos analisados são em maior parte Abstratos, havendo uma quantidade muito menor de grafismos Biomorfos. Os motivos da Gruta do Canhemborá podem ser visualizados na figura 3.



Figura 3: foto dos motivos da Gruta do Canhemborá. Acervo: LEPA.

As gravuras foram marcadas com giz por pesquisadores que trabalharam no sítio algum tempo atrás, por isso atualmente as gravuras apresentam aparência branca.

A arte rupestre envolve uma série de escolhas e uma seqüência de gestos técnicos, que precisam ser analisados detalhadamente, para compreender as diversas etapas que permeiam a sua realização. Entre estas, está a escolha do suporte, a escolha da técnica, do instrumento utilizado, a forma do motivo. Para isso, objetivamos com este trabalho analisar as superposições de motivos, associações e ordenamentos dos mesmos, além da distribuição destes em relação ao contexto arqueológico e à paisagem circundante. Dessa forma, fica evidente a importância da pesquisa relacionada a essas representações rupestres que, na verdade, por meio da manifestação gráfica de nossos antepassados, constituem-se na mais pura expressão de nós mesmos.

Metodologia

Pesquisas com os grafismos, que iniciaram-se na década de 1960 com os trabalhos de Mentz Ribeiro, tiveram continuidade com Schmitz e Brochado, e mais recentemente com as pesquisas de Taís Vargas Lima.

No município de Mata existem abrigos com gravuras, próximos 70 Km da Pedra Grande e dos demais sítios pesquisados por Brochado e Schmitz. A partir de 1994, Lima analisou essas gravuras e verificou grande semelhança na forma e na técnica das mesmas.

Essa Arte Rupestre no Rio Grande do Sul é conhecida como "Tradição Meridional", caracterizada por motivos geométricos abstratos, não-figurativos; formas caracterizadas como 'tridáctilos' e pegadas de felinos; e ainda uma única representação figurativa (quadrúpede). Todos são gravados, por picoteamento, raspagem ou polimento, nos blocos, abrigos e grutas. Esses petroglifos têm os mesmos motivos, dimensões e

técnicas dos gravados encontrados no sul e norte da Patagônia, na Argentina, denominados por Menghin por 'Estilo de Pisadas'. Os 'tridáctilos' aparecem em todo o território Argentino, não somente nas gravuras, mas também em pinturas.

Brochado e Schmitz propõem os estilos A, B e C para os motivos dos painéis estudados no Abrigo da Pedra Grande e nos demais sítios da região, conforme a técnica, motivos, dimensões, local onde são encontrados e posição temporal.

O estilo A é caracterizado pela técnica de picoteamento e raspagem, com os seguintes motivos: pegadas de felino e pisadas de ave com três dedos, que formam rastros subindo pela parede, círculos ou elipses com perfuração ou sulco central (símbolo sexual feminino), sulcos retilíneos verticais, sulcos ondulantes e meandros. O Estilo B caracteriza-se pelas técnicas de polimento e picoteamento, com os motivos a seguir: pisadas de aves com três dedos ou em forma de âncora, não formando rastros, sulcos curvilíneos em forma de U, sulcos retilíneos verticais e paralelos alinhados, cortados ou não por um ou mais sulcos horizontais, sulcos retilíneos entrecruzados e perfurações das quais irradiam sulcos. O Estilo C tem a técnica de polimento, com os motivos: pisadas de aves com cinco dedos, sulcos retilíneos verticais paralelos cortados por outros horizontais (grades), perfurações pequenas alinhadas ou agrupadas.

Ribeiro (1982, p. 18), atribui o estilo IA (abstratos lineares retilíneos e representativos esquematizados biomorfos-'tridáctilos'), o mais característico dos sítios existentes na encosta do planalto do Rio Grande Sul, aos caçadores coletores da tradição Umbu, com suas fases regionais. Esta tradição de pontas-de-projétil tem sua área de dispersão desde o norte do estado do Paraná, no Brasil, até a Patagônia e do Atlântico à Província de Misiones, na Argentina.

Conforme Lima (2005), existem problemas de correlação nas descrições e classificações dos motivos rupestres, pois as atribuições de estilos variaram entre os investigadores.

É preciso repensar alguns parâmetros como a questão espacial, a verificação da temporalidade e a conexão entre outros elementos da cultura material encontrada nas escavações desses sítios. São necessárias novas metodologias de análise, que visem a descrição dos cenários, um estudo dos signos, dos espaços, do suporte, as relações de ordem e frequência das gravuras, ou seja, ver a "gravura em relação ao seu conjunto, o conjunto de grafismos em relação ao painel, o painel em relação a totalidade do sítio e o sítio em relação ao contexto e paisagem da região. (Lima, 2005, p. 63). Os sítios são espacialmente ordenados de acordo com certas regras e convenções culturais.

Diferentes atividades são aceitáveis em diferentes locais da paisagem.

Assim, ainda são necessários trabalhos que relacionem a arte rupestre com a cultura material, os diferentes espaços do sítio, e a paisagem na qual está inserido, na região analisada. Assim, são necessárias escavações para relacionar estratigrafia, datações, os vestígios materiais e as gravuras, inferindo uma cronologia e uma possível autoria das mesmas. Além disso, o estudo da paisagem é fundamental para o melhor conhecimento e compreensão do "território rupestre".

Resultados

Através da observação dos petroglifos presentes no Abrigo da Pedra Grande e na Gruta do Canhemborá é possível, fazendo-se uma análise comparativa, perceber uma determinada regularidade nas manifestações rupestres dos dois sítios, ainda que os mesmos encontrem-se separados por uma distância de aproximadamente 130 km.

Algumas técnicas de gravação são recorrentes na região, sendo que as técnicas de picoteamento e raspagem estão presentes nos dois sítios estudados. As gravações por polimento foram realizadas igualmente na Gruta do Canhemborá e no abrigo do Lajeado dos Dourados (sítio localizado também na depressão central, estudado em pesquisas anteriores); perfurações efetuadas por broqueamento da rocha, freqüentes no painel da Pedra Grande, também foram evidenciadas no referido abrigo.

Entre os motivos mais característicos estão: depressões circulares rasas, rodeadas em parte por quatro ou seis depressões menores que sugerem pegadas de um felino; três sulcos retilíneos convergentes ou um sulco curvo, em meia lua, cortada na metade por outro sulco retilíneo e vertical, sugerindo pisadas de aves; sulcos circulares ou elípticos com uma perfuração alongada no centro, sugerindo símbolos sexuais femininos; sulcos verticais e paralelos, cortados por outros horizontais, entre outros.¹

No estado do RS, foram encontrados 34 sítios arqueológicos com arte rupestre, sendo a maioria localizada na escarpa do Planalto Meridional, mas também na planície Litorânea e na Região da Campanha. São gravuras feitas no arenito e no basalto, por raspagem, picoteamento, seguido do polimento. A maioria encontra-se em blocos isolados, havendo também representações em abrigos e grutas.

¹ Conforme BROCHADO & SCHMITZ (1976).

Discussão

No mundo inteiro, as sociedades humanas desenvolvem formas simbólicas para representar seus rituais, seus símbolos e as suas imagens sobre a sociedade e a natureza.

Por volta de 30 mil anos atrás, a capacidade de produzir arte era um atributo universal da mente humana moderna. Os humanos arcaicos tinham os processos cognitivos em estado tão complexo e avançado quanto o da mente humana moderna, mas esses se encontravam em domínios cognitivos diferentes. A origem da arte só ocorreu depois do aumento nas conexões entre os domínios.

A explosão cultural ocorrida na Europa há 40 mil anos com a produção dos primeiros trabalhos artísticos pode ser explicado por novas conexões entre os domínios das inteligências técnica, social e naturalista. Os três processos cognitivos, antes isolados, agora funcionam juntos, criando o novo processo cognitivo que podemos chamar simbolismo visual, ou simplesmente arte (MITHEN, 2002 p.262).

Existem elementos comuns no comportamento mental dos homens pré-históricos, em várias partes do mundo. Existem elementos universais devido à homogeneidade do cérebro humano: trata-se do homo sapiens sapiens. Ao mesmo tempo, realizam-se códigos cada vez mais elaborados e também específicos a cada lugar. Certos sinais são específicos de uma região e expressam a identidade de um grupo.

Leroi-Gourhan (1984) elaborou as noções de 'tendência e fato', que permitem caracterizar as generalidades entre os diferentes grupos culturais, assim como os aspectos que são peculiares a um determinado grupo. A tendência explica porque grupos distantes, sem qualquer conexão, respondem da mesma forma a problemas tecnológicos colocados em termos idênticos. O fato, ao contrário da tendência, é imprevisível e particular, o que garante a diversidade.

As ações sobre a matéria resultam em atividades, sejam elas econômicas ou simbólicas, que estão inscritas dentro da tradição do grupo, ou seja, são socialmente construídas. Marcel Mauss demonstra que nossos comportamentos mais casuais são culturalmente determinados. Todos os comportamentos corporais são resultado de processos sociais de aprendizagem específica a cada sociedade. As técnicas são socialmente adquiridas através da educação e mantidas de geração a geração pela aprendizagem. Segundo Mauss, para saber por que ele não faz determinado gesto e faz outro é preciso conhecer as tradições que geralmente são comandados

pela educação, e no mínimo pelas circunstâncias da vida em comum do convívio (Mauss, 2003, p. 421).

Existem soluções tradicionalmente preferidas e conservadas pelas diferentes culturas, assim como uma série de opções técnicas, econômicas, sociais e simbólicas, dentro dos limites da tradição. As escolhas tecnológicas resultam de um aprendizado no interior de cada sociedade.

A arte rupestre é universal, mas existem escolhas feitas pelos grupos, de acordo com a sua tradição cultural. Existe a escolha do suporte numa mesma região (alguns são ignorados apesar da boa qualidade), uma organização das representações na natureza, a escolha do local no suporte em função da estrutura morfológica do paredão, da arquitetura do abrigo etc.

Vialou (2000, apud Lima 2005, p. 21) afirma que as escolhas são múltiplas e, quando se repetem com certa frequência, são características: a escolha da técnica de expressão, escolha do sítio, e do local das imagens, denotando ligações com as paisagens. Segundo o autor, as escolhas temáticas resultam de uma elaboração psíquica e social própria aos que as produziram: refletem sonhos, crenças, mitos nos quais os grupos e indivíduos reconhecem uma história comum, uma vida presente e/ou histórica.

Os territórios rupestres são reconhecíveis por seus caracteres próprios induzidos pela escolha e pelos modos de expressão daqueles que realizaram as representações. Esse território corresponde a uma vida cultural de ordem simbólica sobre um espaço limitado e durante um certo tempo. Quando os dados rupestres são radicalmente diferentes sobre o plano das escolhas temáticas, das construções simbólicas, das técnicas e estilos, trata-se possivelmente de culturas distintas, contemporâneas ou sucessivas.

Conforme Lima, entre os gestos e os instrumentos que picotam ou raspam traduzem-se em signos que comunicam uma forma de escolha para a confecção do gravado e formam novos signos de acordo com cada cultura, conforme suas escolhas temáticas. Fazem parte do tipo de comunicação não-verbal (LIMA, p. 108).

Nesse sentido, ao analisar a arte rupestre do Abrigo da Pedra Grande e da Gruta do Canhemborá, percebem-se algumas escolhas pertinentes, inscritas em uma região maior, envolvendo o Estado do Rio Grande do Sul e o contexto Argentino, que corresponde a um possível "território rupestre", marcado por escolhas temáticas e tecnológicas semelhantes, sendo evidenciada assim a presença de um grupo em um território, ainda não delimitado.

No Abrigo da Pedra Grande percebe-se claramente a escolha do local no próprio suporte, pois as gravações são feitas na sua parte central.

Em todo o Estado do Rio Grande do Sul, percebem-se escolhas em relação à técnica de fabricação, através da gravação na rocha por meio de determinados gestos: de picotagem (é o gesto que tende ao movimento de perfuração do suporte rochoso, em rochas duras) e Raspagem (é o gesto que fricciona sobre um suporte rochoso os movimentos verticais ou horizontais, em rochas menos duras- sedimentares). Ainda percebe-se a recorrência de temas, como os traços simples paralelos individuais ou em grupos, e ainda os característicos ‘tridáctilos’ e ‘pegadas de felinos’. As gravações são feitas na maioria em blocos de pequeno e médio portes, de arenito.

São gravuras e ritmos gestuais materializados nos suportes rochosos, feitos para durar no tempo, que expressam um pensamento, uma memória, uma identidade, através dessas imagens compartilhadas socialmente. São símbolos visuais destinados a transmitir informação entre os que possuem o conhecimento comum desses registros. A arte rupestre é um reflexo das vidas dos que a fizeram, da vida narrativa ou simbólica, e do aspecto do imaginário dos homens expresso pelos sonhos, pelos mitos, aquilo que é surreal, onírico. Isso não somente em uma paisagem de plantas, de animais, colinas, cavernas, mas suas paisagens são socialmente construídas e cheias de significados simbólicos. “O social e o natural formavam um mesmo e único mundo, e essa visão foi expressa na arte”. (MITHEN, pg. 267, 268).

Conclusão

Portando, a o simbolismo visual dos homens pré-históricos constitui-se como o reflexo de grupos com alto grau de estilização e figuração. A pouca realidade anatômica nas gravuras demonstra provavelmente o alto grau de abstração e de intelectualização que os seus autores possuíam.

E como afirma Vialou (2003, apud Lima 2005, p. 118) a arte quando se aplica à pré-história, encontra na beleza de uma multidão de representações e de composições rupestres e mobiliares uma plena justificação. Ao julgamento estético interessa tanto uma estatueta da Idade do Bronze quanto uma estatueta em marfim gravettiana ou uma escultura grega. Entretanto, as obras da pré-história são imersas na vida e na natureza. Essa significação lhes confere um poder que se manifesta de mil maneiras, aqui os feiticeiros, lá a imagem feminina, o bisão ou a serpente cornuda, e o seu criador, o homem que sabe. É ele que conquista o mundo, a América, a Austrália, as ilhas, as altas montanhas. É ele que povoa seu universo de representações capazes de desafiar o tempo porque lhe é dada a resistência da pedra e do osso. Presa entre o pólo de sua

unidade criadora, antropológica, e o pólo de sua diversidade provocada pela diáspora universal dos homens e das suas culturas, a arte pré-histórica dispõe sem fim o cortejo ilimitado de suas representações pintadas, gravadas ou esculpidas na profusão da vida.

Referências

- BROCHADO, J. P.; SCHMITZ, P. I. Petroglifos do estilo de pisadas no RS. In: Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre: PUCRS, v. II, n. 1, 1976.
- ENGELMARK, R. & LARSSON, T. B. Rock Art and Environment: towards increased contextual understanding. Revista TAPA, nº 33.
- FOGAÇA, E. O Estudo Arqueológico da Tecnologia Humana. Habitus, vol. 1, n. 1, Goiânia: IGPA/UCG, p. 147- 180, 2003.
- LEROI-GOURHAN, A. Evolução e técnicas I: o Homem e a matéria. Lisboa: Edições 70, 1984.
_____. O Gesto e a palavra. II Memórias e Ritmos. Lisboa: Edições 70, 1985.
- LIMA, Tais Vargas. Estudo das representações Rupestres do Rio Grande do Sul/Brasil. Porto Alegre: PUC-RS, 2005. (tese de doutorado).
- MAUSS, M. As técnicas do corpo. São Paulo: Cosac e Nayf, 2003.
- MITHEN, Steven. A Pré-História da Mente: Uma busca das origens da arte, da religião e da ciência. São Paulo,; Editora UNESP, 2002.
- PROUS, André. Arqueologia Brasileira. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1992.
- RIBEIRO, P. A. M. & FÉRIS, J. S. Sítios com Petrôglifos na Campanha do Rio Grande do Sul. Revista do CEPA: Santa Cruz do Sul, vol. 11, nº 13, março, 1984.
- SEGURA, J. S. Interpretando lo Rupestre, Visiones y Significados de los podomorfos em Canárias. Revista TAPA, nº 33.